

Maria Lucia Rangel

DOIS olhinhos vivos, atrás de um par de óculos de aro fino e encimados por uma coroa de me-lenas encaracoladas, surgirão à sua frente como num desenho animado da UFA. Ainda é o mesmo Alécio de Andrade descrito por Fernando Sabino numa crônica, em 1973, quem arruma cheio de energia a exposição que inaugura amanhã na *Petite Galerie*. São cerca de 120 fotografias mostrando diferentes aspectos da paisagem urbana e pessoas que conheceu. A maioria foi tirada em Paris, onde mora desde 1965, mas há também trabalhos feitos em Nova Iorque, Israel e Rio de Janeiro. Para Alécio, sem deslumbramento, nada é possível.

— Vai, Alécio, ver. Vê e reflete o visto, e todos captam por teu olhar o sentimento das formas que é o sentimento primeiro — é último — da vida...

(O que Alécio vê — Carlos Drummond de Andrade) Teoricamente ele confessa que não estava dando para sair de Paris agora. Está em plena preparação de seu livro sobre a cidade, a ser editado pela Bucher, de Lucerna. Ao mesmo tempo, desde 1964 Alécio não expunha no Rio e a amiga Gláucia Camargo convenceu-o a fazê-lo. Apresentou-o a Roberto Parreiras, diretor da Funarte, e ficou decidido que mais uma vez a *Petite Galerie* mostraria seus trabalhos. Durante dois meses e meio Alécio praticamente morou em seu laboratório, mas preparou as fotos 30 x 40 (a maioria) e 40 x 50 que compõem sua exposição.

A fotografia começou a ser feita no Rio, ele não sabe nem bem por que:

— Possivelmente esse vínculo que você tem com o efêmero e essa nostalgia de perdê-lo. Há uma necessidade profunda de que alguma coisa que está em trânsito fique. No fundo, a necessidade do eterno.

Alécio fala devagar, enquanto come um sanduíche na hora do almoço. Seu meio de expressão decididamente não é a palavra. E, até optar pela fotografia, nunca havia se fixado em nenhum trabalho. A Universidade de Direito foi abandonada no 3º ano pela atividade literária. Escreveu principalmente poesias, tendo sido premiado na Sétima Semana de Arte Contemporânea do Rio de Janeiro. Até hoje é possível ouvi-lo tocar Bach ao piano com perfeição. Trabalhou com Arnaldo Estrela e Guilherme Fontainha. Hoje confessa-se no rol dos amadores. A fotografia, que ganhou o estímulo dos amigos Marques Rebelo, Antonio Buihães e, mais tarde, Carlos Drummond, não o abandonou nunca mais. Está sempre com sua Leica, trabalhando no velho sistema, com uma lente de 50 mm, flagrando o ato:

— A formação fotográfica, no início, é apenas uma vaga idéia do que você tem da coisa. Depois é que passa a ser uma realidade. Quando você esquece a técnica — Alécio enfatiza a importância que tem esquecê-la — é preciso que o vínculo com o real seja imediato. Para isso, é necessário esquecer tudo o que se aprendeu. Para se ter finalmente as mãos e pés — como são importantes! — livres. O ato de fotografar é um prazer físico também. Ele amalgama duas instâncias, corpo e cabeça.

Mas ele não esquece o conselho que recebeu de Henri-Cartier Bresson. Apesar do fotógrafo precisar estar sempre a postos, ter permanentemente a sua máquina, o velho amigo um dia lhe deixou claro que, de repente, "dá aquele vazão".

— Ai, você pega a máquina, coloca dentro de uma gavetinha e reflete. Como em tudo. É como um romancista que acaba de escrever um romance e precisa se reciclar. As coisas todas se fazem através de ciclos.

Foi durante os tumultos de maio de 1968, em Paris, que ele conheceu Cartier Bresson:

— Ele levou uma cacetada e emergiu do meio daquela fumaça, confuso, lívido e caiu nos meus braços. Em alguns segundos recuperou-se e pediu *mon casque*,



ALÉCIO DE ANDRADE

UM PERMANENTE VÍNCULO COM O EFÊMERO



Nestas duas cenas do cotidiano parisiense, o reflexo da maneira de fotografar de Alécio Andrade, para quem entre o assunto e o fotógrafo deve se passar alguma coisa. "Há uma reciprocidade sem a qual nada é possível", diz

mon casque. Entreguei seu capacete e ele partiu. Algumas horas depois nos encontramos novamente. Então, eu havia perdido minha namorada e fomos procurá-la juntos. Lembrou-me de que, descendo a *Rue St. Jacques*, Henri parou diante de um *graffiti*, onde se lia *Chantage ou Bonheur*, para fotografar. Eu fiquei em silêncio e reconhecemos a andar. Foi quando ele indagou se tinha usado a luz correta. Como não soubesse, voltou e fez o trabalho novamente.

Mas foi somente dois anos depois que Alécio passou a integrar a equipe da Agência Magnum, fundada por Bresson, Robert Capa e David Seymour, à qual ainda está ligado. Mas a grande escola não foram as amizades nem a experiência, mas a coragem:

— Como eu e Henri nos víamos sempre e conversávamos, é claro que trocávamos idéias a respeito de fotos. As vezes saía para trabalhar com ele e, se muitas vezes ficávamos em cima do mesmo

tema, outras estávamos em campo diverso, como na ocasião da morte de De Gaulle. Ele foi para Colombey e eu para a *Notre Dame*. Escola, só para quem deseja se tornar um virtuoso no sentido da técnica.

E é com a técnica que Alécio está menos preocupado:

— O que conta é o ato. Mas não estou muito de acordo com o que Cartier Bresson chamou de "flagrante-delito". Acho que entre o sujeito e o fotógrafo deve se passar alguma coisa. Há uma reciprocidade sem a qual nada é possível. Evidentemente que há momentos em que é preciso testemunhar um fato com rapidez.

Ele chama atenção para o olhar. É o que se manifesta no rosto em decorrência dele. Apesar de não ser a favor da foto posada, como fotografar Salvador Dalí sem que ele esteja posando?

Já pela fotografia colada ele tem horror. Mas faz:

— Um dos aspectos negativos desse tipo de foto é que não se tem o controle da cor. A técnica ainda não nos deu esta segurança. Depois, não conheço nenhum fotógrafo que faça cor e tenha ficado na história da fotografia. A cor tem uma função utilitária. É absorvida pelo mercado com muito mais facilidade.

No Brasil de passagem, mais uma vez, Alécio não sabe quando volta ou se volta. Mas reconhece que há um trabalho a ser feito aqui:

— Como o que Dorothea Lange fez nos Estados Unidos, de mostrar os aspectos sociais do país.

Apesar de amar tanto Paris — a expressão do rosto chega a mudar quando fala da cidade — ele nunca expôs lá; Fez individuais em Lisboa, Berlim, Roma, Bonn e Heidelberg. Está mais preocupado em eternizar a sua visão da Capital francesa no livro a ser publicado. Sem qualquer texto, porque para o fotógrafo carioca, "a fotografia vale por si".

Drummond

AS FOTOS DE ALÉCIO

Falar em foto, as mais cativantes são as de Alécio de Andrade (não é meu parente), à mostra na Petite Galerie, do Rio. Flagrantes colhidos em Paris, Londres e Nova York, fixam menos uma realidade local do que o ser humano e seu comportamento em qualquer parte do mundo: o universal das criaturas. Alécio acredita na vida e presta-lhe seu tributo de simpatia e compreensão. Contemplando a magnífica série de imagens, arranhei estes versos livres (como livre é Alécio) no papel:

A voz lhe disse (uma secreta voz):

— Vai, Alécio, ver.

Vê e reflete o visto, e todos captam
por teu olhar o sentimento das formas
que é o sentimento primeiro — e último — da vida.

E Alécio vai e vê

o natural das coisas e das gentes,
o dia em sua novidade não sabida
a inaugurar-se todas as manhãs,
o cão, o parque, o traço da passagem
de pessoas na rua, o idílio
jamais extinto sob as ideologias,
a graça umbilical do nu feminino,
conversas de café, imagens
de que a vida flui como o Sena ou o São Francisco,
para depositar-se numa folha
sobre a pedra do cais,
ou para sorrir nas telas clássicas de museu
que se sabem contempladas
pela tímida (ou arrogante) desinformação das
visitas,
ou ainda para dispersar-se e concentrar-se
no jogo eterno das crianças.

Ai, as crianças... Para elas,
há um mirante iluminado no olhar de Alécio
e sua objetiva.

(Mas a melhor objetiva não serão os olhos líricos
de Alécio?)

Tudo se resume numa fonte
e nas três meninhas peladas que a completam,
soberba, risonha, períssima foto-escultura de Alécio de Andrade,
hino matinal à criação
a à continuação do mundo em esperança.

Carlos Drummond de Andrade

Na Petite Galerie, as fotos de Alécio de Andrade

O gesto efêmero das coisas e das gentes

SONIA BIONDO

Cento e quatorze fotos suas em volta, nas paredes da Petite Galerie, e o autor dos originais evitando a objetiva do fotógrafo do GLOBO. Tímido, preferindo não teorizar sobre seu trabalho, como se fosse apenas mais um frequentador da mostra, Alécio de Andrade é a personificação do anonimato do profissional de fotografia. Ele se limita a registrar, em resultados de alta qualidade, os gestos efêmeros das pessoas que fazem o cotidiano das cidades — principalmente Paris, onde mora desde 1965 —, com o auxílio da câmara Leica e uma velha lente de 50 mm. Até amanhã em exposição, as fotos de Alécio são um documento de flagrantes de comportamento, como reflexo dos noze anos em que trabalha na agência francesa Magnum, para onde foi contratado por Henri-Cartier Bresson. Focalizando em cada cena as paisagens urbanas que conheceu e as experiências humanas de que participou.



Alécio: o essencial é a espontaneidade

Cada clic da máquina do fotógrafo do GLOBO inquietava o entrevistado — também fotógrafo. Ao comentar do colega de profissão, que estranhou o comportamento numa pessoa que dedica a sua vida ao ato de fotografar, Alécio de Andrade explicou, com simpatia, o porquê da aversão à câmara, enquanto não está atrás dela:

— Só sei fotografar; a presença de uma máquina me fotografando me constrange. Minha preocupação, com uma câmara na mão, é a de registrar as coisas que eu vejo, como se fosse num diário. O que conta é o ato de fotografar, o estar presente e testemunhar.

As fotos, em preto e branco, expostas na Petite Galerie são o resultado de 15 anos de trabalho em Paris. Parte na agência Magnum, conhecida internacionalmente como a firma de Henri-Cartier Bresson, o "Papa da fotografia". Depois de algum tempo naquela cidade, na função de correspondente de revistas, a qualidade profes-

sional de Alécio despertou o interesse de Bresson, que fez o convite, concluindo que o fotógrafo brasileiro tinha condições de trabalhar na agência. Pela importância do atual emprego, em termos principalmente de prestígio na classe, são comuns as especulações em torno dos prováveis benefícios que o estágio na Magnum proporciona a um fotógrafo. Alécio, no entanto, destaca o esforço pessoal de cada contratado, já que eles funcionam no esquema de cooperativa:

— O grupo sempre estimula. Há uma emulação, uma troca de idéias muito proveitosa entre a gente. Mas o importante nesse convívio, nesse vasto percurso, é que você consiga ser você mesmo. Os outros colaboram, mas, na verdade, se não se estiver atento a si mesmo, não dá para obter um resultado coerente.

Atento Alécio é, nos menores detalhes do seu comportamento. Os olhos, pequenos e agitados, atrás dos óculos redondos, de aros finos, dão a impressão de constante vigilância do que acontece ao seu redor. O produto des-

sa observação, por sua vez, reflete a sensibilidade do fotógrafo: de três freiras admirando as "Três graças", no museu do Louvre, até a irreverência de crianças brincando nas ruas, as fotos nasceram do acaso do cotidiano, do oportunismo de um voyeur nato, como ele já se confessou em entrevistas anteriores. A atual exposição é a segunda que ele realiza na Petite Galerie: a primeira, em setembro de 1964, tinha como tema a infância, apresentando em ângulos insólitos, "o que a fase inaugural da existência humana tem de mais patético, profundo e comovedor". No momento, Alécio se dedica à execução de dois livros fotográficos para uma casa editora suíça, um sobre Paris e outro sobre crianças — modelos perfeitos para a sua objetiva.

— Fotografar crianças é como se fosse um jogo entre nós. Elas se comportam com desenvoltura diante da máquina. Para mim, é essencial a espontaneidade, o acaso do instante fotografado. Mesmo as naturezas mortas que você encontra aqui são colhidas ao acaso, sem qualquer produção. Não aceito interferências artificiais. Se apresento uma foto de um cachorro, ele posou daquele jeito porque quis.

O catálogo da mostra traz, na sua apresentação, um poema de Carlos Drummond de Andrade sobre Alécio de Andrade. Mais uma vez tímido, os cabelos encaracolados fazendo o homem de 40 anos de idade parecer um menino de 20, ele se limita a sorrir diante de um elogio ao poema e ao artista que o inspirou. O livro aberto na página em questão parece insistir em tocar num assunto que constrange o fotógrafo: "E Alécio vai e vê/ o natural das coisas e das gentes, o dia, em sua novidade não sabida/a inaugurar-se todas as manhãs, o cão, o parque, o traço da passagem/de pessoas na rua, o idílio/jamais extinto sob as ideologias, a graça umbilical do nu feminino, conversas de café, imagens/de que a vida flui como o Sena ou o São Francisco/para depositar-se numa folha/sobre a pedra do cais/ou para sorrir nas telas clássicas de museu/que se sabem contempladas/pela tímida (ou arrogante) desinformação das visitas, ou ainda/para dispersar-se e concentrar-se/ no jogo eterno das crianças."